





BASE BÍBLICO-TEOLÓGICA DA COMPREENSÃO DE LUTERO SOBRE O *DE LIBERO* E O *DE SERVO ARBITRIO*¹

Biblical-theological basis of Luther's Understanding about De Libero and De Servo Arbitrio

Andre Vogel²

RESUMO

O Presente ensaio apresenta qual a compreensão bíblico-teológica de Martinho Lutero sobre o tema da vontade cativa e salvação. Lutero articula sua argumentação no livro *De Servo Arbitrio*, do qual foi escrito em resposta à obra de Erasmo de Roterdã, *De Libero Arbitrio Diatribe Sive Colatio*. O Reformador considerava o *De Servo Arbitrio* como um dos seus mais importantes escritos, ao lado dos Catecismos. Essa constatação é evidente na leitura da obra, afinal, Lutero busca defender seu posicionamento de forma enérgica, utilizando-se de uma articulação teológica sólida. Nesse sentido, o presente ensaio apresenta primeiramente a argumentação que Erasmo realiza depondo a favor do livre arbítrio. Em seguida, apresenta-se o posicionamento de Lutero acerca do tema. Conclui-se o ensaio com um posicionamento pessoal do autor.

Palavras-chave: Vontade cativa. Livre arbítrio. Predestinação. Teologia de Lutero.

¹ Artigo recebido em 1 de agosto de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 2 de dezembro de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Andre Vogel é Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT, de São Bento do Sul/ SC. Atualmente é mestrando (Master of Divinity) na Association Free Lutheran Theological Seminary – AFLTS, de Minneapolis/ EUA. Sua ênfase de pesquisa se encontra na área da Missiologia. E-mail: andre.vogel@hotmail.com.

ABSTRACT

*This paper presents the biblical and theological understanding of Martin Luther concerning the bondage of the will and salvation. Luther outlined his beliefs in the book *De Servo Arbitrio*, which was written in response to Erasmus of Rotterdam's *De Libero Arbitrio Diatribe Sive Colatio*. The Reformer considered *De Servo Arbitrio* as his most important writing, along with his *Catechism*. This is made readily apparent when one reads how vigorously Luther defends his biblical view concerning the subject. Therefore, this paper will begin by presenting the arguments of Erasmus in favor of free will. Then the paper will include Luther's view upon the subject. The paper will then conclude with the author's own personal position concerning the bondage and freedom of the will.*

Key-words: *Bondage of the will. Free will. Predestination. Luther's theology.*

1 INTRODUÇÃO

Poucos temas têm sido debatidos de uma forma tão acalorada quanto o embate entre livre arbítrio e predestinação. Trata-se de um tema polêmico que tem causado inúmeras divergências no seio da Igreja Cristã. O ponto de discussão se encontra na pergunta se o ser humano é capaz de colaborar com a sua própria salvação, ou, se Deus já destinou cada indivíduo à salvação (ou a perdição) eterna, por intermédio de sua inescrutável soberania. De um lado, apoiar-se na concepção de que o ser humano não tem parte em sua salvação, soa para muitos como ofensivo, afinal, não há lógica em uma eleição de Deus entre salvos e perdidos. Para outros, afirmar que há uma capacidade de decisão pela eternidade é altamente herético e anti-bíblico³. Fato é que a história da Igreja, não poucas vezes, testemunhou recorrentes debates sobre o tema. Desde expoentes como Agostinho e Pelágio, perpassando os tempos da Reforma, com Calvino e Armínio; Lutero e Erasmo de Roterdã, até os dias de hoje, a Igreja persegue, bíblicamente e teologicamente, respostas que possam ser subsídios para os questionamentos latentes.

Nessa perspectiva, o presente ensaio se propõe a abordar acerca da disputa teológica realizada pelo Reformador Martinho Lutero, através de sua obra “*Da Vontade Cativa*”⁴, contra o Humanista Erasmo de Roterdã. Busca-se

³ Essas controvérsias são, em boa medida, expostas na pregação de John Wesley, realizada em 1740 na cidade de Bristol. Disponível em: WESLEY, John. **Free Grace**. Disponível em: <<http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-128-free-grace/>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

⁴ Em latim: *De Servo arbitrio*. LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*, in: Martinho Lutero. *Obras selecionadas*. Vol. 4: Debates e controvérsias II. Ed. p. Comissão

entender qual a compreensão de Lutero acerca da predestinação e do livre arbítrio, através do apoio bíblico que o Reformador utiliza em sua obra. Tendo em vista o leque de passagens que tendem a depor tanto a favor quanto contra ambos os posicionamentos teológicos, faz-se necessário a realização de uma pesquisa que visa ir ao encontro do entendimento que Lutero possuía sobre este assunto.

Considera-se que o tema é abrangente e relevante. Abrangente, pois é impossível esgotar o assunto ou propor uma solução pronta para a problemática que já se estende por toda a história da Igreja Cristã. Relevante, por que é central na teologia. Em última análise, a própria salvação do ser humano está sendo abordada. É salutar considerar que a articulação sobre o tema traz implicações para a Missiologia. Especificamente na evangelização, um dos setores da Missão, muitos dos que depõem contra a predestinação divina temem que a evangelização cristã esteja comprometida, afinal, “*Deus fará tudo o que for necessário para a salvação do ser humano*”⁵. Outro extremo se encontra em círculos que reduzem a importância da evangelização, pois julgam que consiste em obra humana que anula o agir da Graça de Deus⁶.

Assim sendo, o delineamento do presente ensaio irá se concentrar num *primeiro momento* na exposição do contexto histórico em que os teólogos viveram. Parte-se *posteriormente* para argumentação bíblica a partir de passagens indicadas por Erasmo de Roterdã e os respectivos contrapontos de Lutero. Numa *terceira abordagem*, serão apresentadas as passagens citadas por Lutero em que o Reformador depõe a favor da predestinação divina. *Por fim*, será delineada uma avaliação crítica pessoal.

Lutero afirma que entre todas as suas obras escritas, apenas o *De Servo Arbitrio* e os catecismos não deveriam ser destruídos⁷. Sendo assim, a fonte primária do presente ensaio está fundamentada sob uma das mais valiosas obras de Lutero.

Interluterana de Literatura. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1993, p. 117-216 [doravante: LUTERO, 1993].

⁵ Um exemplo se encontra no ponto 10 da pregação de John Wesley no Sermão “Free Grace”. WESLEY, John. Op. Cit.

⁶ Em alusão aos chamados “hiper-calvinistas”.

⁷ Martinho Lutero, *apud*: Siegfried Ketting, 1990 *apud*: SCHWAMBACH, Claus. **Evangelização no horizonte da vontade cativa**. Desafios da antropologia da Reforma protestante. Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. Vol, XVI, Nr.2. São Bento do Sul: União Cristã/ FLT 2008, p. 48.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

No período da Reforma Protestante, a concepção teológica vigente concebia que o ser humano era capaz de satisfazer a vontade de Deus e realizar obras meritórias. Com o advento da escolástica, que teve seu início no século XI e o seu auge no século XIII, o trabalho teológico nas universidades aderiu à ótica da filosofia aristotélica. O grande nome responsável pela codificação teológica no período escolástico foi o monge dominicano Tomás de Aquino (1225-1274). Na concepção da Graça e do livre arbítrio em Aquino, cria-se que a vontade do ser humano não estava totalmente corrompida com o pecado. Através da *graça infusa*⁸, o ser humano seria capaz de realizar obras meritórias e a salvação poderia ser alcançada através do usufruto dos sacramentos. A partir disto, surgem os escândalos das indulgências que podem ser considerado como a causa direta para o surgimento da Reforma⁹.

2.1 Martinho Lutero¹⁰

Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483 na cidade de Eisleben na Alemanha. Proveniente de família simples, ingressa na faculdade de Direito em 1505 a pedidos de seu pai. Porém, motivado pelo medo da morte e após ter sido surpreendido por uma grande tempestade, Lutero faz uma promessa a Santa Ana de que iria dedicar toda a sua vida a Deus caso fosse salvo. No dia 18 de Julho do mesmo ano, Lutero já se encontrava junto às portas do Convento dos Eremitas Agostinianos de Erfurt, para ingressar na vida monástica.

Em todo o seu tempo enquanto monge, a angústia de Lutero gravitava na pergunta “*O que posso fazer para agradar a Deus?*”. O tema da salvação fez com

⁸ A Graça infusa era a concepção de que o ser humano possuía a Graça de Deus dentro si através de um conhecimento natural de Deus. Sendo assim, a Graça seria aperfeiçoada através da teologia. Com a queda, o ser humano foi totalmente corrompido, porém, o pecado não havia atingido sua vontade.

⁹ Para maior aprofundamento do contexto histórico da reforma recorre-se a obra: HAGGLUND, Bengt. **História da teologia**. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 179-209.

¹⁰ Outras informações sobre a biografia de Lutero sugere-se: GREINER, Albert. **Lutero: ensaio biográfico**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 7-207.

que Lutero mudasse o rumo de sua vida ingressando no monastério. Nos primórdios de sua peregrinação enquanto monge, ele cria que o caminho da salvação estaria a partir de sua participação na vida monástica. Assim comenta o Reformador: “*Eu, Martin Lutero, como serei salvo? (...) Eu me dizia continuamente: Oh! Se pudesse ser verdadeiramente piedoso, satisfazer teu Deus, merecer a Graça! Eis os pensamentos que me lançaram ao convento*”¹¹. Ao longo desse período, as influências teológicas de Agostinho determinaram a concepção teologia de Lutero construída no período da Reforma.

2.2 Erasmo de Roterdã

Desiderio Erasmo nasceu em 27 de outubro de 1466. Estudou em universidades Europeias e era considerado com o “Príncipe dos Humanistas”¹². Viveu na França, Inglaterra, Suíça, Áustria e morreu na Basiléia. Erasmo se destacou nas pesquisas teológicas a partir do Grego e Hebraico. Com o advento da impressão, seus escritos se tornaram conhecido e aos poucos sua produção teológica ganhava popularidade. Dentre várias obras, em 1516 é publicada a tradução do Novo Testamento em língua Grega. Erasmo desejava uma reforma na Igreja contra os abusos existentes e neste ponto compactuava com o pensamento de Lutero. Porém, ansiava por uma renovação de acordo com um modelo Humanista. Entre as divergências de Erasmo e Lutero, o Humanista se opunha ao Reformador na ênfase dada na justificação por fé. Haja vista que o Papa ansiava que Erasmo confrontasse as ideias de Lutero, surge em 1524 a obra “*De Libero arbítrio DIATRIBE Sive Collatio*” (Doravante será denominada de *Diatribes*)¹³.

¹¹ GREINER, 1983, p. 22.

¹² O humanismo foi um movimento histórico onde a cosmovisão da época se desloca do modelo coletivo e teocêntrico para um modelo antropocêntrico e individual. Dentro de uma escala de importância o ser humano passa ser o centro. Nesta época, o humanismo foi essencial para as descobertas das artes e pelo estudo das línguas bíblicas originais.

¹³ Uma abordagem abrangente e confiável acerca de Erasmo de Roterdã pode ser encontrada em: Enciclopédia Livre WIKIPÉDIA <http://pt.wikipedia.org/wiki/Erasmo_de_Roterd%C3%A3o>. Acesso em: 10 Jun. 2012.

2.3 Síntese da Controvérsia entre Lutero e Erasmo¹⁴

Com a publicação da *Diatribes*, Lutero tinha diante de si a obra de um respeitável teólogo de sua época. A *Diatribes* de Erasmo tem como nascedouro uma resposta a obra “*Assertio Omnium articulorum*”¹⁵ escrito por Lutero. Erasmo ataca a antropologia do Reformador expondo diversas passagens onde se afirma que o ser humano possui livre arbítrio e é capaz de agradar a Deus por natureza. Em resposta a *Diatribes*, no dia 31 de dezembro de 1525, Lutero publica o “*De Servo Arbitrio*”. Em contornos gerais, Lutero refuta destacando que o ser humano é escravo de sua natureza, uma vez que sua vontade é má e está totalmente inclinada para o pecado¹⁶.

Para Erasmo, o livre arbítrio compreende numa “potência” que proporciona ao ser humano a liberdade que o conduz a se afastar ou a se inclinar à salvação eterna. Com a queda, o ser humano ainda possuía vontade que pudesse aceitar ou rejeitar a Graça. Lutero contrapõe dizendo que apenas Deus é detentor do livre arbítrio. Se o ser humano tem a aptidão de querer inclinar-se à salvação nada, nesta à Graça e ao Espírito Santo. O único livre arbítrio que o ser humano tem é a capacidade de pecar e querer pecar, afinal, está radicalmente separado de Deus a partir da queda¹⁷.

Para Lutero, o ser humano é detentor de um livre arbítrio para as questões *inferiores*, a saber, escolha de emprego, cidade para morar, etc. Porém, para as questões *superiores*, que envolvem a salvação ou a condenação eterna, não é capaz de escolher, pois está cego para as coisas de Deus a partir do pecado. O ser humano está sujeito à vontade de Deus ou à vontade de Satanás. O ser humano apenas possui livre arbítrio se Deus conceder o seu¹⁸. Como ilustração, Lutero compara a vontade humana como um jumento. Se Deus está montado, a sua vontade está de acordo com o que Deus quer. Caso satanás esteja montado, consequentemente,

¹⁴ É importante salientar que todas as argumentações apresentadas por Erasmo no presente ensaio, consistem na leitura de Lutero apresentada no *De servo arbitrio*, e não em uma interpretação do autor proveniente da *Diatribes*.

¹⁵ WA 7,94-151

¹⁶ Leia-se o “paradoxo” brevemente introduzido por Lutero em: LUTERO, 1993, p. 48.

¹⁷ LUTERO, 1993, p. 74-77.

¹⁸ LUTERO, 1993, p. 51.

suas vontades estão de acordo com a vontade de satanás¹⁹.

Erasmus articula o tema do livre arbítrio em cooperação com a Graça de Deus. Isto significa que, para o Humanista, sem a Graça de Deus, o livre arbítrio nada é e consiste numa força ineficaz. Para Lutero, essa afirmativa é contraditória, afinal, “o que é uma força ineficaz senão claramente força nenhuma?”²⁰. O Reformador acrescenta que “se Deus está em nós, Satanás está ausente, e só o querer o bem está presente. Se Deus está ausente, Satanás está presente, e só o querer o mal está em nós”²¹. Sem Deus, a única liberdade que o ser humano tem é de servir ao pecado e não pode querer nada de bom.

No pano de fundo do debate se encontra o diferencial que Erasmo se submetia tanto à autoridade da tradição eclesiástica quanto a Bíblia. Sua argumentação encontrava-se sob o crivo da interpretação que a Igreja realizou ao longo da história. Lutero, ao contrário de Erasmo, toma como autoridade unicamente as Escrituras. Estes *critérios de verdade* pesaram na argumentação de ambos os teólogos. Assim, Erasmo defendia que se os concílios erraram, não deveriam ser publicados para que a autoridade dos pais da Igreja não fosse desprezada. Lutero refuta e ataca o âmago do pensamento Humanista de Erasmo ao afirmar que “não é possível observar estatutos humanos junto com a palavra de Deus”²².

Para que a fé evangélica fosse pregada, Lutero via que as tradições humanas da época e as Escrituras não eram compatíveis. O Humanista defendia que as passagens ambíguas ou obscuras não deveriam ser pregadas ao público. A verdade deveria ser pregada, porém não a qualquer pessoa, lugar, ou de qualquer modo. Principalmente, para que não houvesse desrespeito àquilo que os pais da igreja defenderam. Lutero reconhecia que há nas Escrituras muitas coisas abscônditas e difíceis de serem compreendidas, porém, a verdade deveria ser pregada acima de tudo. Sendo assim, preferia sofrer tumultos a calar-se em prol de uma aparente pacificação entre homens²³.

Outro ponto de divergência encontra-se no fato de o Humanista ignorar as asserções. Em outras palavras, trata-se de abdicar que a fé deva ser defendida com

¹⁹ LUTERO, 1993, p. 49.

²⁰ LUTERO, 1993, p. 49.

²¹ LUTERO, 1993, p. 82.

²² LUTERO, 1993, p. 43.

²³ LUTERO, 1993, p. 39.

convicção e aquilo que a palavra de Deus ensina deva ser pregado com constância e perseverança. Este posicionamento era amplamente condenado por Lutero que usa como base bíblica a passagem de Mt. 10.32: “*Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus*”²⁴.

Lutero também afirma que Deus efetua todas as coisas a partir de Sua vontade imutável, eterna e infalível. Tudo acontece de modo necessário e não contingente. Isto significa que nada ou ninguém pode impedir que a vontade de Deus fosse feita. Afinal, Deus tem uma “presciência” e ele pode prever que algo aconteça na vida de uma pessoa. Em se tratando da salvação humana, Deus tem a presciência de quem será salvo ou condenado. Desta forma, não há margem para que o ser humano modifique esta presciência a partir de sua liberdade. Além do mais, se Deus pode mudar os seus decretos, o cristão jamais poderia confiar em Suas promessas. Há consolo em saber que Deus sabe todas as coisas e que Ele não mente em suas promessas²⁵.

Erasmus tinha em mente a compreensão do “Deus de amor”, onde seria inconcebível a afirmação de que Deus é o causador da morte eterna de pessoas. Pretendia assim, através do critério da razão humana, criar uma lógica racional para a fé afim de não culpar a Deus e sim indivíduo, caso contrário seria um Deus injusto. Para Lutero, a justiça de Deus prevalecia, mesmo que aos olhos humanos o agir de Deus aparentasse ser injusto. Para Erasmus, Lutero deveria deixar “*Deus ser bom*”. Para Lutero, Erasmus deveria deixar “*Deus ser Deus*”.

Erasmus queria privar que os cristãos soubessem se há ou não esforço humano para a salvação, pois considerava isto supérfluo. Porém, Lutero ataca dizendo:

“Não é ímpio, impertinente e nem supérfluo, mas antes de tudo salutar e necessário que o cristão saiba se a vontade efetua alguma coisa ou nada aquilo que concerne a salvação. (...) este é o ponto capital de nossa disputa, em torno disto gira o grau dessa questão (...) Portanto, se queres viver piedosamente, é necessário que mantenhamos uma distinção certíssima entre a força de Deus e a nossa, entre a obra de Deus e a nossa”²⁶.

²⁴ LUTERO, 1993, p. 21.

²⁵ LUTERO, 1993, p. 99.

²⁶ LUTERO, 1993, p. 29.

3 APRESENTAÇÃO DE LUTERO E ERASMO A PARTIR DO *DE SERVO ARBITRIO*

Para o delineamento da base bíblica utilizada por Erasmo e Lutero, o presente ensaio irá abordar em um primeiro momento o posicionamento do Humanista, que visa provar o livre arbítrio. Em seguida, serão abordados os pressupostos bíblicos utilizados por Lutero objetivando depor a favor da predestinação divina. O objetivo do presente capítulo está em deduzir do próprio escrito *De Servo Arbítrio* algumas das passagens e opiniões de Lutero e Erasmo sobre o assunto.

3.1 Disputa Bíblica: Posicionamento de Erasmo

Em boa medida, as passagens bíblicas apoiadas por Erasmo, encontram-se nos modos imperativo, subjuntivo e indicativo. Abaixo serão apresentadas algumas destas passagens e as respectivas refutações de Lutero.

3.1.1 Sobre Lei e Evangelho

Em sua argumentação, Erasmo utiliza como uma de suas bases bíblicas a passagem de Gn 4.7: “*Sob ti está o desejo de pecar, e tu o dominarás*”. Para o Humanista, aqui está sendo provado que a vontade humana pode vencer o pecado e o cristão pode viver sem pecar. O livre arbítrio proporciona ao ser humano escolher entre pecar e não pecar. Em contrapartida, Lutero nega e assim questiona qual seria a necessidade do agir do Espírito Santo de Deus se o livre arbítrio tem o poder de vencer os impulsos do pecado. Para Lutero, esta passagem foi direcionada a Caim, sendo que ele não fez o que se pede, e de fato, nem poderia fazer, pois já estava sob o domínio de satanás. Caim agiu de acordo com sua própria natureza²⁷.

Lutero argumenta explanando que Deus se revela nas Escrituras a partir da dialética Lei e Evangelho. Ao mesmo tempo em que Deus aponta a palavra de condenação é apresentada a Sua Graça. Pela Lei, o ser humano é confrontado com o pecado e reconhece a total incapacidade de cumpri-la. O apoio bíblico de Lutero encontra-se em Paulo, conforme Rm 3.20b: “*Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado*”. Ao mesmo tempo em que Deus anuncia a Lei, ele anuncia o seu perdão, a saber, o Evangelho. Se a Lei aponta para o pecado, ela também conduz

²⁷ LUTERO, 1993, p. 90.

ao recebimento da Graça. Para ser salvo, o ser humano primeiramente precisa experimentar o desespero de seu pecado (Lei), para que seja conduzido à salvação (Evangelho). Desta forma, os imperativos bíblicos (*Não Matarás, Não Furtarás*), apenas mostram a impossibilidade do ser humano em obedecer, i. e., o ser humano é instruído quanto ao que deve e não quanto aquilo que ele pode fazer.

Para o Reformador, a passagem de Gn 4.7 é um exemplo característico da gramática hebraica em utilizar passagens no indicativo futuro no lugar dos imperativos. Caso este verso estivesse apenas no modo indicativo, tornar-se-ia uma promessa. Em análise do contexto, percebe-se que Caim falhou. Assim sendo, não é possível interpretar como uma promessa, mas como uma indicação do que se deve fazer. Afinal, caso fosse uma promessa, Deus seria mentiroso em sua promessa e nenhum ser humano pecaria²⁸.

Em continuação com o debate, outra passagem que Erasmo aborda está em todo o conteúdo de Dt 30.15-19, em especial aos versos 15 e 16. Assim narra parte dessa perícopes: “*Pus diante de ti o caminho da vida e da morte. Escolhe o que é bom*”. Para Erasmo, nesse trecho é afirmado que o ser humano tem a liberdade de escolher por aquilo que lhe é conveniente, a saber, entre a vida e a morte. Mais uma vez Lutero afirma que, se o ser humano pode livremente escolher acerca o seu destino eterno, o Espírito de Deus atua em vão. Quando é dito “escolhe” o povo não escolheu. Para argumentar esta passagem Lutero usa o seguinte exemplo:

“Seria ridículo dizer a alguém que está parado em uma encruzilhada: ‘Vês dois caminhos; toma aquele que quiseres’, quando apenas um deles estivesse aberto (...). Assim sendo, verdadeiramente estamos em uma encruzilhada, mas apenas um caminho está aberto (...). No entanto pela lei se nos demonstra o quão impossível é o caminho que leva para o bem, se Deus não concede o Espírito, mas quão largo e fácil é o outro”²⁹.

Na interpretação de Lutero, o único caminho aberto que o ser humano pode enxergar enquanto não regenerado é o desejo de pecar. É por esta razão que Lutero ironiza Erasmo expondo esta analogia da encruzilhada. Existem dois caminhos, mas o ser humano apenas enxerga um deles. A lei mostra que é impossível escolher outro caminho. O evangelho é quem conduz o ser humano para o novo rumo.

²⁸ LUTERO, 1993, p. 90.

²⁹ LUTERO, 1993, p. 91.

3.1.2 Sobre a Passagem de um Livro Apócrifo

Erasmus apresenta como argumento uma passagem do livro de Eclesiástico. Lutero opta por arrolar sua argumentação, mesmo que este livro não consta no cânone hebreu.

Como segue Eclesiástico 15.14-17:

“Deus criou o ser humano desde o início e o deixou na mão de seu próprio juízo. Acrescentou seus mandamentos e preceitos. Se quiseres guardar os mandamentos e conservar perpetuamente uma fé agradável, eles te guardarão. Ele pôs diante de ti o fogo e a água, estende a mão para o que quiseres. Diante do ser humano estão a vida e a morte, o bem e o mal; o que lhe agrada, isso lhe será dado” Eclesiástico 15.14- 17³⁰.

Nesta passagem Erasmus procura provar o livre arbítrio, pois o ser humano teria a capacidade de guardar (ou não guardar) os mandamentos de Deus. Lutero então passa a interpretar esta passagem: Quando o autor do Eclesiástico afirma que “*Deus criou o ser humano desde o início e o deixou na mão de seu próprio juízo*”, o livre arbítrio não é provado, afinal, trata-se da intenção de Deus de criar o ser humano como senhor e dominador das coisas³¹. No trecho “*Acrescentou seus mandamentos e preceitos*”, refere-se ao arbítrio humano para lidar com as questões da criação de Deus. Lutero explana para o verso “*Se quiseres guardar os mandamentos e conservar perpetuamente uma fé agradável, eles te guardarão etc.*”, que o ser humano está dividido em dois reinos. Um dos reinos consiste no aspecto das questões inferiores, da criação, que Deus atribuiu ao ser humano como sujeição. De outro lado, encontra-se o reino das questões superiores, do qual o ser humano não possui conselho³².

Como Erasmus não tinha em mente a diferença entre Lei e Evangelho, ele não poderia discernir no que consiste “guardar os mandamentos”. Aqui o livro de Eclesiástico não aponta para aquilo que o ser humano pode fazer, mas unicamente aquilo que se deve fazer. A partir do momento em que Deus impute a Graça no indivíduo, ele é capaz de guardar os mandamentos³³.

³⁰ LUTERO, 1993, p. 84.

³¹ Lutero apoia-se na passagem de Gn 1.26.

³² LUTERO, 1993, p. 85.

³³ LUTERO, 1993, p. 86.

3.1.3 Sobre as Passagens no Subjuntivo

Lutero complementa sua explicação do versículo de Eclesiástico para mostrar que, todas as passagens das Escrituras que estão no modo subjuntivo (*Se quiseres guardar, se fizer, se aceitar, se rejeitar*), não provam o livre arbítrio³⁴. Em primeiro lugar, as Escrituras apresentam que o ser humano é corrupto e cativo em seus pecados. Sendo assim, as passagens no modo subjuntivo mostram a advertência divina apontando para a incapacidade do ser humano em realizar tais coisas, assim como, a sua dívida para com Deus. As Escrituras em nenhum momento apoiam para a lógica “Se queres, então é capaz de conseguir”. Lutero assim contribui:

“Com efeito, não se deve admitir esta conclusão: ‘Se quiseres, por conseguinte poderás’. Antes, deve-se entendê-la no sentido de que (...) o ser humano é advertido de sua impotência, que, devido a sua ignorância ou soberba, não reconheceria nem sentiria sem essas advertências divinas”³⁵.

Por meio destas passagens apenas o ser humano que Deus julga ser digno de guardar estas palavras de fato será capaz de guardar. Porém não como mérito próprio, mas por que a própria Graça o capacita. O fato de ele conseguir guardar é consequência do próprio agir da Graça de Deus.

3.1.4 Sobre o Deus Abscôndito e Deus Revelado

Erasmus apela para a passagem de Ez 18.23 “*Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? – diz o Senhor Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?*”. O Humanista argumenta afirmando que se Deus se entristece com a morte do pecador, logo não pode ser Ele o causador da morte. Não há lógica em um Deus que mata e se entristece com a morte, que impute o pecado no ser humano e ao mesmo tempo odeia o pecado.

Lutero critica Erasmo, pois este não compreende a diferença entre Lei e Evangelho. Para Lutero, esta passagem mostra que a Lei já apontou ao pecado e agora o aflito é chamado à consolação. No entanto, Erasmo transforma aquilo que é consolo em Lei visando provar o livre arbítrio. Em outras palavras, esta

³⁴ Outras passagens são: Is 1.19; Is 21.12; Jr 15.19; Mt 16.24-25; Mt 19.17, 21; Jo 14.15.

³⁵ LUTERO, 1993, p. 89.

passagem traz consolo aos cristãos eleitos e que vivem a partir da Graça de Deus³⁶. Em segundo lugar, Lutero atribui esta passagem a outro ponto essencial de sua teologia: o *Deus abscondito*.

A relação entre Deus abscondito e Deus revelado não consiste em um dualismo de um Deus contra o outro. Consiste no mesmo Deus, porém a sua abscondidade se reflete nas situações em que não é possível ao ser humano entender logicamente. Consiste no mistério que não foi dado ao ser humano o direito de conhecer, afinal, Deus pode livremente se manifestar além de sua Palavra escrita, pois sua vontade é inescrutável. Aqui Lutero enfatiza o aspecto do “Deixar Deus ser Deus”.

Por outro lado, o Deus revelado consiste no próprio Deus pregado, o “*Deus vestido*”, ou seja, a própria Palavra. Tudo o que for da vontade de Deus revelar ao ser humano está escrito nas Escrituras. O Deus revelado não quer a morte do pecador, nem que o pecado prevaleça na vida do crente. Ele quer que a morte e o pecado sejam tirados do ser humano.

Assim sendo, Lutero menciona que Erasmo está certo ao afirmar que “*Deus não quer a morte do pecador*”, a não ser que se trate do Deus revelado, afinal, este deseja que “*Todos os seres humanos sejam salvos*”³⁷. Este é o Deus que visa “*reunir os filhinhos, como uma galinha que ajunta os pintinhos*”³⁸. A obra do Deus revelado é dar vida, através do Evangelho, da Palavra pregada³⁹.

Neste debate contra Erasmo, Lutero recorre para a doutrina do Deus abscondito como fruto de uma dificuldade exegética. Quanto à abscondidade de Deus, não compete ao ser humano saber ou investigar, afinal, “*Quem é tu, ó ser humano, para discutirdes com Deus?!*” (Rm 9.20a). Cabe unicamente adorá-lo e temê-lo⁴⁰.

³⁶ Outras passagens citadas que vão ao encontro desta mesma explanação são: Ex 20.1-17, Dt 30.15-19, Zc 1.3, Jr 25.5, Jr 35.15, Jr 4.1.

³⁷ 1 Tm 2.4.

³⁸ Mt 23.37.

³⁹ Outras passagens que apontam para a abscondidade de Deus são: 1 Tm 6.16 “*o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem ser humano algum jamais viu, nem é capaz de ver(...)*”; Cl 2.3 “*em que todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos*”; Rm 9.19 “*Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu a sua vontade?*”.

⁴⁰ Para aprofundamento da relação entre Deus Abscondito e Deus revelado, recorre-se a: LOEWENICH, Walther Von. **A Teologia da Cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

3.1.5 Sobre as Palavras de Consolo e Graça

Conforme explanado anteriormente, uma das chaves hermenêuticas de Lutero encontra-se na distinção entre Lei e Evangelho. O Reformador enfatiza que o leitor da Bíblia deve ter discernimento de distinguir cada perícopo a partir dessa dialética. A justificativa do Reformador consiste no fato de que passagens como “*e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos*” (Ex 20.6), ou, “*Vinde a mim todos os que estais cansados e afadigados, e eu vos reanimarei*” (Mt 11.28), expressam o consolo de Deus para o crente e não provam o livre arbítrio⁴¹. Isto significa que estas passagens consistem em palavras doces e suaves para as almas aflitas e que se encontram desesperadas. Elas são direcionadas ao pecador (já regenerado) que sofre pelos seus pecados. Consistem em palavras de Deus que vão ao encontro do cristão, reafirmando que ele não está só, despertando-o para o perdão⁴².

3.1.6 Sobre Palavras de Mérito/ Recompensa/ Esperança/ Boas Obras e Frutos

Outro ponto de divergência entre Erasmo e Lutero é encontrado nas passagens que apontam para as promessas de Deus⁴³. Lutero refuta a compreensão de Erasmo em que o ser humano não apenas pode alcançar a salvação através do livre arbítrio, mas também é merecedor da salvação. Erasmo se fundamenta através da passagem de Mt. 5.12a: “*Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus*”.

No entendimento de Lutero, esta passagem não ensina que as obras são como uma “escada para o céu”, mas é enfatizada a promessa de Deus na eternidade. O Novo Testamento é, em boa medida, composto por versículos de *promessas e exortações*. As promessas consistem na pura pregação do Evangelho que apontam para Cristo, as exortações visam alcançar o ser humano já regenerado por Deus, para que este permaneça frutífero na fé através das boas obras. Não consiste em prova do livre arbítrio, mas em motivação à persistência para aqueles que já estão em Cristo, afim de que carreguem as dificuldades e tribulações do mundo.

As palavras de promessa não mostram nossa capacidade ou a dignidade

⁴¹ Outras passagens citadas no *De servo arbítrio* são Sl 14.7; Sl 23.3; Sl 69.17; Ez 33.11.

⁴² LUTERO, 1993, p. 99.

⁴³ As passagens bíblicas que são abordadas neste tema são: 2 Cr 15.7; Mt 4.4; Mt.25.34,41; Rm 2-7,16; 1 Cor 15.58; 1 Cor 16.13.

para querer o bem. Através das obras, o ser humano não é digno de produzir ou alcançar a salvação. Se a Lei instrui ao que se deve fazer, as palavras de recompensas visam estimular a vida piedosa e frutífera. O cristão é conduzido pelo Espírito, não é o ser humano quem conduz (Rm 8:14)⁴⁴.

3.2 Disputa Bíblica: Posicionamento de Lutero

O próximo estágio do presente ensaio busca perseguir alguns aspectos centrais da concepção de Lutero frente aos temas da Graça, salvação e predestinação.

3.2.1 Sobre a Culpa Universal do Ser Humano

A questão da culpa universal e da depravação total do ser humano é central para a construção teológica de Lutero. Em boa medida, O Reformador e o Humanista possuíam pontos de contato e divergência quanto à compreensão do pecado original. Para Lutero, a Graça de Deus não é resultado de mérito ou esforço humano. O livre arbítrio só pode exercer o pecado. Basicamente, sua fundamentação se encontra na literatura paulina e joanina. Por exemplo, Paulo apresenta em Rm 1.18: “*A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça*”. Isto significa que a sentença da ira de Deus está condicionada a todos os seres humanos e não somente a uma parte destes, conforme compreensão de Erasmo. A “perversão dos homens”, como Paulo menciona, não significa que o ser humano “escolheu” ser perverso, mas este apenas faz uso da perversidade já existente. E nisto encontra-se a ira de Deus⁴⁵.

Para Erasmo, a carne é como uma natureza fraca que inclina o ser humano ao mal. Não consiste necessariamente em uma depravação total que o impediria de modificar sua situação para se achegar a Deus. O ser humano é capaz de realizar boas obras a partir de uma capacidade natural, onde pode se preparar para a Graça junto com o auxílio de Deus. Ao mesmo tempo em que Erasmo aponta que o ser humano é fraco por natureza, reconhece o amor de Deus que se compadece com as boas ações. Isto significa que o ser humano, enquanto ser não regenerado é capaz

⁴⁴ LUTERO, 1993, p. 99ss.

⁴⁵ LUTERO, 1993, p. 181ss. Outras passagens apoiadas por Lutero, que objetivam apontar para a universalidade do pecado: Jo 1.10-12,15-19; 7.7; 8.23; 14.7; 15.16-19; Rm 3.9-12,19; 1 Jo 2.15-16; 5.19.

de agradar a Deus através de obras. Lutero refuta com a seguinte afirmativa “Dizer que alguém é justo e temente a Deus sem o Espírito Santo é o mesmo que chamar Belial de Cristo”⁴⁶. Em Lutero, o ser humano nasce pecador e não pode se sujeitar à vontade de Deus ou querer algo de bom, afinal, todos os seus pensamentos estão inclinados para o mal⁴⁷. Assim como o ser humano não busca a Deus, também não é capaz de buscá-lo, tendo em vista sua natureza depravada⁴⁸. É impossível ao ser humano se esforçar para a salvação, pois é inimigo de Deus. Mediante as obras e da Lei, nenhum ser humano é capaz de ser justificado⁴⁹. O justo é aquele que vive pela fé. Não há nada que o ser humano possa fazer para alcançar a justificação⁵⁰. A Graça alcança aqueles que não são mercedores e a fé não é conquistada por empenho, esforço, ou liberdade de escolha. O Evangelho é a salvação de todo aquele que crê e onde Deus revela sua justiça. O caminho para a justiça está em crer no Filho de Deus⁵¹.

O apóstolo João afirma em Jo 3.6 que “*O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito*”. Com isto, carnal é todo aquele que não tem o Espírito de Deus⁵². Erasmo questiona Lutero, se o ser humano não tem capacidade de alcançar a justiça de Deus, pergunta-se por que as Escrituras se ocupam repetidas vezes em apontar leis, preceitos, ameaças e promessas. Lutero responde bíblicamente: Pela Lei vem o conhecimento do pecado⁵³. Na Lei, não é obtido a justiça, mas a ciência da existência do pecado. Paulo em Rm 7.7 afirma: “*Eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois eu não teria conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás*”. O ser humano não tem a capacidade de salvação por mínimo esforço que possa ter⁵⁴.

Em Gn. 6.3: “*(...) O meu espírito não agirá para sempre no ser humano, pois este é carnal (...)*”. Para o Reformador, o próprio Deus dá testemunho de que o ser humano não tem outro desejo a não ser pecar. A consequência da imoralidade

⁴⁶ LUTERO, 1993, p. 160.

⁴⁷ Rm 3.23.

⁴⁸ Sl 14.2.

⁴⁹ Rm 3.20, 28; Rm 5.12.

⁵⁰ Rm 1.17;

⁵¹ Cf.: Rm 1.16. LUTERO, 1993, p.182ss.

⁵² Rm 8.6-8.

⁵³ Rm 3.20.

⁵⁴ LUTERO, 1993, p.190ss.

resulta no dilúvio. O Espírito de Deus e o pecado do ser humano não podem permanecer juntos. A solução é apresentada por Jesus em Jo 3.5 “*A não ser que tenha renascido novamente, ninguém pode entrar no reino de Deus*”⁵⁵.

3.2.2 Sobre a Presciência de Deus

Tanto Lutero quanto Erasmo concordam que Deus tem um conhecimento prévio sobre o que há de acontecer. Porém, a partir de pontos de vista distintos. Erasmo, por exemplo, sempre procurou conciliar o livre arbítrio do ser humano com a presciência de Deus. Para Lutero, isto é impossível, tendo em vista que aquilo que Deus quer, ele sabe de antemão, e, se o ser humano pode modificar o rumo de seu destino, significa dizer que Deus erra em sua presciência.

O Reformador faz uso da passagem de Rm 9.18: “*Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz*”. Paulo não discute acerca deste tema, mas rebate aquele que intenta discutir “*Quem és tu, ó ser humano, para discutirdes com Deus?!*” Rm 9.20a. A necessidade é colocada de acordo com aquilo que a presciência divina estabelece⁵⁶.

3.2.3 Sobre o Endurecimento do Coração

Certamente, um dos pontos que mais causam opiniões diversas para os leitores da Bíblia, encontra-se nos relatos do endurecimento do Faraó e Esaú. Lutero e Erasmo discutem este tema.

A passagem em questão encontra-se em Êx. 9.12a: “*Porém o Senhor endureceu o coração do Faraó*”. Erasmo tem dificuldades na interpretação de que Deus é o autor e culpado do endurecimento do coração⁵⁷. O próprio Faraó é responsável pelo seu endurecimento e era livre a ponto de poder optar por temer a Deus. Esta passagem não aponta para um ódio eterno de Deus, mas sim, uma ira passageira. O endurecimento significa em *dar ocasião ao endurecimento*.

Lutero contrapõe, afirmando que em primeiro lugar, se o ser humano possui livre arbítrio e ao mesmo tempo está debaixo da ira de Deus, significa que não pode querer nada de bom a não ser pecar. A própria maldade no coração do

⁵⁵ LUTERO, 1993, p. 154-156. Outras passagens citadas por Lutero que apontam para a “carnalidade” do ser humano: Gn 8.21; Is 40.2; Jo 3.6; 6.63; Rm 8.7; 1 Co 3.3.

⁵⁶ LUTERO, 1993, p. 135.

⁵⁷ Outra passagem que se enquadra neste tema está em Ml 1,2ss “*Amei Jacó, mas tive ódio de Esaú*”.

ser humano que se endurece com a ira de Deus. Para melhor compreensão, Lutero enfatiza a questão da culpa universal, afinal, todos os seres humanos nascem no pecado, como diz Paulo em Ef 2.3 “*Todos nós andamos outrora, segundo as inclinações de nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos (...)*”.

Desta forma, todos os seres humanos, inclusive o Faraó, são ímpios. No caso do Faraó, Deus não coloca nova maldade no coração, mas ele é endurecido pela própria maldade que ali já existia. Quando o Faraó se viu ameaçado através da palavra de Moisés, isto fez com que o endurecimento que já havia no Faraó aumentasse. Deus não colocou um “novo mal”. O Faraó foi confrontado com algo que ele era oponente, a saber, a palavra de Moisés. O coração do faraó é endurecido na medida em que Deus agiu em prol do seu povo.

Quando o ser humano está sem Deus, é por que Satanás é o príncipe daquele coração. Assim, tanto o ser humano quanto satanás estão voltados para o que é seu, estão cegos para Deus. Quando é confrontado com a palavra é movido pela aversão, como se todo o aparente conforto do império do pecado estivesse em perigo. Nisto reside à resistência ao Evangelho. Deus está acima de todo conhecimento e existem mistérios que não são possíveis de se entender logicamente. Certamente, Lutero não consegue compreender como Deus pode endurecer o coração de alguém, porém, defende que o crente tem que se contentar com estas palavras a fim de adorá-lo e temê-lo, pois seus caminhos são insondáveis e inescrutáveis⁵⁸.

O relato de Êxodo não está interessado em relatar a maldade do Faraó, tão somente à misericórdia de Deus em libertar seu povo. O coração do Faraó foi endurecido, para que o coração do povo de Israel viesse a ser quebrantado. O intuito estava em conduzir o povo à confiança em Deus⁵⁹.

Outra passagem que Erasmo e Lutero debatem está em 2 Tm 2.19-21:

“(...) O Senhor conhece os que lhe pertencem. (...) Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra. Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor; estando preparado para toda boa obra”⁶⁰.

⁵⁸ Rm 11.3

⁵⁹ LUTERO, 1993, p. 130ss.

⁶⁰ LUTERO, 1993, p. 148ss.

Erasmus afirma que o ser humano é capaz, moralmente e racionalmente, de se purificar e se tornar um vaso de honra. Caso contrário, Paulo estaria exortando em vão. Lutero refuta a partir do versículo 19: “*O senhor conhece os que lhe pertencem*”, ou seja, a presciência de Deus permite conhecer quem são os vasos de honra e de desonra. A exortação de Paulo para a purificação não significa dizer que o ser humano é capaz de realizar isto sozinho. Os vasos não podem ser preparados por si mesmo, mas sim pelos seus donos. Quando as Escrituras exortam para a necessidade de purificação, apontam para aquilo que deve ser feito, não para aquilo que o ser humano é capaz de fazer. Apenas a Graça de Deus é quem capacita o cristão à purificação⁶¹.

3.2.4 Sobre a Justiça Moral e da Fé

Lutero traz o exemplo de Abraão citado por Paulo em Rm 4.3 “*Se Abraão foi justificado das obras, ele tem glória, não, porém, perante Deus. Pois, que diz a escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado por justiça*”. Lutero faz uma diferenciação da dupla justiça em Abraão. A primeira se refere a uma justiça moral que promove o bom convívio perante a sociedade, porém não o justifica perante Deus. A segunda consiste na justiça da fé. Esta é imputada por Deus, não por mérito do ser humano, mas por benignidade e pela misericórdia de Deus.

Com isto, Lutero procura mostrar que a boa ética perante a sociedade não promove a salvação no cristão. Tão somente a justiça que o próprio Deus imputa no ser humano, a saber, a Graça salvífica⁶².

3.2.5 Sobre a Cooperação do Ser humano

Na passagem de Jo 15.5b “*Sem mim nada podeis fazer*”, Erasmus interpreta que “*nada*” pode ser aplicado como “*pouco*” ou “*imperfeito*”. Ou seja, o indivíduo pode cooperar com Deus em aspectos de salvação e com a conquista de frutos provenientes da vida piedosa.

Em primeiro lugar, Erasmus compreende que nem tudo no ser humano é carnal. Para Lutero, esta interpretação é perigosa. Se uma pessoa ímpia (não regenerada) e que está sem o Espírito de Deus pode não ser carnal e ainda coopera com sua salvação, que tipo de redentor seria Cristo? Certamente o sangue de Cristo foi de pouco valor. Erasmus faz uma analogia dizendo que Deus preserva a

⁶¹ LUTERO, 1993, p. 148ss.

⁶² LUTERO, 1993, p. 198ss.

embarcação, porém, o navegador é quem conduz ao porto. Referindo-se ao fato de que Deus cuida do ser humano, porém a livre decisão do indivíduo é quem o conduz ao seu destino eterno⁶³.

Na tentativa de apresentar uma compreensão do sinergismo “ser humano – Deus”, Lutero distingue a *cooperação de Deus* e a *cooperação do ser humano*. Em primeiro lugar, o ser humano nada faz para ser transformado em uma nova criatura, assim como nenhuma criança auxilia no seu nascimento. A conversão é obra totalmente de Deus. Após o ser humano ter sido recriado, Deus atua no ser humano com a participação dele, por exemplo: através da proclamação do Evangelho, consolo aos aflitos, etc. A vontade humana não está situada num “ponto neutro” como se Deus e o diabo fossem expectadores da livre vontade do ser humano⁶⁴.

4 CONCLUSÃO (POSICIONAMENTO)

A partir da análise do escrito *De Servo Arbitrio*, percebe-se o quanto esta obra foi importante para Lutero. Em sua argumentação, o Reformador exhibe leves doses de soberba e comentários sarcásticos contra Erasmo, sem se deixar intimidar frente à abrangência do assunto. Lutero não apresenta uma abordagem sistemática, o que dificulta por vezes a compreensão do seu raciocínio. Mesmo diante de sua oposição a Erasmo, o Reformador não deixou de tecer elogios ao Humanista. Afinal, a ocupação do escrito girou em torno de um assunto central na teologia e não em temas secundários.

Na análise da obra, constata-se que Lutero apresenta uma série de referências bíblicas. Factualmente, o presente ensaio não pôde contemplar e explicar todas as citações. As reflexões aqui apresentadas não eximem o convite à leitura e reflexão do texto na íntegra. O estudo aprofundado do livro, certamente, não encerra o diálogo teológico sobre o tema, mas abre portas para aprofundamento e debates sadios. Percebe-se que o *De Servo Arbitrio* é uma coletânea dos principais temas teológicos do Reformador⁶⁵. A boa contribuição se deve ao fato de que o leitor tem acesso aos grandes temas da teologia luterana,

⁶³ LUTERO, 1993, p. 177.

⁶⁴ Outras passagens citadas por Lutero são: Jo 15.6; 1 Co 3.7; 1 Co 13.2.

⁶⁵ Por exemplo: Lei e Evangelho, boas obras, Deus abscondido e Revelado, etc.

concentrados em um único livro.

Para Lutero, um assunto tão complexo como a predestinação, deve ser realizado a partir de uma visão integral da Bíblia. Enquanto Erasmo depõe a favor do livre arbítrio se utilizando de passagens pontuais, o Reformador acertadamente busca uma sistematização e compreensão panorâmica das Escrituras. Nas análises exegéticas, percebe-se que Lutero coloca as passagens no modo subjuntivo e imperativo no mesmo rol de versículos que apontam para a Lei. Esta constatação é pertinente, tendo em vista que estes versos, quando interpretados isoladamente, claramente colocam a participação e responsabilidade do ser humano na salvação⁶⁶.

Mesmo que Erasmo realize argumentos e constatações pertinentes, sua maior dificuldade está em não compreender o agir de Deus para além da razão humana. Para o Humanista, não faz sentido que Deus salve uns e permita a perdição de outros. Já para Lutero, a dúvida e a tensão sobre a inescrutabilidade de Deus permanecem. Nesta tensão, o Deus abscondido é uma sábia resposta de Lutero para uma dificuldade exegética acerca dos atos de Deus não compreensíveis à razão⁶⁷.

Compactua-se com Lutero que a perdição eterna não é um decreto eterno de Deus⁶⁸. O Reformador não procura afirmar racionalmente uma eleição divina para a perdição. Com isto, a predestinação de Deus é “simples”, onde os eleitos

⁶⁶ Para melhor compreensão deste raciocínio, toma-se como exemplo a passagem de Mateus 7.13a: “*Entrai pela porta estreita*”. De acordo com a dialética Lei e Evangelho, aqui é apontado para aquilo que o ser humano deve fazer, porém, a partir de sua inimizade com Deus e seu estado de depravação total, é incapaz de cumprir. O ser humano não está em um “ponto neutro” onde pode livremente escolher pela porta estreita ou pela porta larga. Afinal, ele já nasce na porta larga e não pode por si só, seja por obras ou pela razão, alcançar a porta estreita. Primeiramente é necessário que Deus alcance o ser humano, para que posteriormente o converta, conduzindo-o à porta estreita. O ser humano é agente passivo em questões da salvação.

⁶⁷ Neste ponto, recorre-se a explanação de Lutero sobre o significado das 3 luzes. Cf.: LUTERO, 1993, p. 214.

⁶⁸ Neste ponto Lutero diverge com João Calvino (1509 – 1564) na concepção da dupla predestinação. Calvino possui uma visão teológica de predestinação teocêntrica, assim como em Lutero. Porém, justificava que o endurecimento do coração, a cegueira e o desprezo à fé frente ao evangelho, consiste no fato de que Deus não age da mesma maneira com todos os seres humanos. Deus destina indivíduos à morte eterna. A pessoa eleita para a salvação reconhece a sua eleição e assim está disposta a viver em obediência e temor a Deus em prol do evangelho. A concepção de Calvino é extremamente influente no meio protestante até os dias atuais.

são os salvos⁶⁹. Os que se perdem, são aqueles que seguem o percurso natural da sua natureza marcada pelo pecado. A partir de Adão, o ser humano perdeu sua liberdade e nasce condenado a experimentar a ira eterna de Deus.

Compreende-se que a salvação por Graça estimula a Igreja e não a exime de pregar o Evangelho a toda criatura (Mc 16:15). A proclamação da “boa-nova”, mediante Lei e Evangelho, deve contemplar o convite ao arrependimento, à conversão e a decisão por Cristo. O *modus operandi* da salvação acontece por intermédio do ouvir da pregação (Rm 10:17). Em outras palavras, todos devem saber sobre a salvação em Cristo⁷⁰. Compete à Igreja a proclamação do Evangelho, compete a Deus conduzir à salvação⁷¹. Psicologicamente, quando o ser humano é alcançado e experimenta a conversão é envolvido integralmente, com sua razão e emoção. Teologicamente, a vontade do ser humano não é anulada, porém, Deus perpassa a vontade do ser humano e assim o conduz à fé. Na prática, o ser humano decide por Cristo e está convicto de sua decisão, porém, é o agir de Deus quem converte o indivíduo. Se o ser humano é salvo é por que decidiu por Cristo, se condenado é por que negou. Quanto aos que se perdem, permanece a confiança em meio à absconditude de Deus. Diante das dúvidas da existência humana, Deus permanece Senhor da história, ecoando a esperança que um dia todo mistério que hoje é oculto será revelado e compreendido.

Central na teologia de Lutero é que o ser humano não é capaz de alcançar a salvação. Não é possível se humilhar se não há a compreensão de que a força humana em nada coopera com a salvação. A vontade está marcada pelo pecado e se encontra debaixo da ira de Deus. Com a conversão, o indivíduo primeiramente experimenta o juízo de Deus (Lei) para o conseguinte recebimento da Graça (Evangelho). Aquele que outrora se encontrava na escravidão do pecado, torna-se filho de Deus por Graça e fé. Apenas Deus age ativamente na salvação, conduzindo

⁶⁹ Um breve comparativo das diferenciações básicas da doutrina da predestinação em Lutero e Calvino pode ser encontrado em: WILHELM, Wachholz. **História e teologia da Reforma**: Introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p.119-126.

⁷⁰ Conscientemente, o presente ensaio refuta a concepção de John Wesley. Para Wesley, a Graça de Deus é “tudo em todos” (Free Grace is all in all). Porém equivocou-se ao dizer que a predestinação torna a evangelização a todos como nula (Veja Ponto 10). Disponível em: WESLEY, John. Op. Cit.

⁷¹ Para uma abordagem completa da relação entre vontade cativa e evangelização, sugere-se: SCHWAMBACH, Claus. **Evangelização no horizonte da vontade cativa**. Desafios da antropologia da Reforma protestante. Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. Vol, XVI, Nr.2. São Bento do Sul: União Cristã/ FLT 2008, p. 38-123.

o ser humano a salvação. Na conversão, a pessoa é tocada de tal forma que ela é convencida da salvação. O indivíduo é conduzido por Deus para a fé passivamente, porém, com plena consciência. Em amor, o ser humano é conquistado por Deus, e não por coação ou determinismo. Como Assim Jesus Cristo diz: “*Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer*” Jo 6.44a⁷².

Acertadamente, Lutero compreende o tema da “boa obra” como consequência da salvação. A lei moral (1º uso da Lei) não pode ser compreendida como uma conquista da salvação, mas como resultado desta. Este ponto é pertinente se considerado que a religiosidade popular, procura, através da observância de uma boa conduta ética, agradar a Deus e adquirir salvação. Porém, ao ser humano não regenerado, mesmo as boas ações são abominações, afinal, ali Cristo não é Senhor⁷³.

Compactua-se, também, com o pensamento de Lutero, de forma resumida, nos seguintes aspectos: (1) Deus é soberano; (2) Deus é “presciente” em todas as coisas e conhece de antemão os salvos e perdidos. O fato de Deus ser presciente é um conforto ao cristão que pode confiar em suas promessas; (3) O ser humano “não regenerado” está radicalmente depravado; (4) a Bíblia é a única fonte de autoridade; (5) compete ao crente realizar asserções da fé cristã; (6) a dialética entre Lei e Evangelho é coerente com o ensinamento bíblico; (7) Todos os seres humanos estão radicalmente depravados e não são merecedores da Graça e da salvação;

Por fim, concebe-se que a eleição de Deus não é um fim em si mesmo. Na Bíblia, o povo de Deus é ao mesmo tempo *abençoado* e *chamado* aabençoar (Gn 12:1-5). A salvação em Jesus é *privilégio imerecido* a ser usufruído, assim como *responsabilidade* para oportunizar salvação (Mc 16:15). A fé cristã não é um *isolamento*, mas chamado para ser *sal da terra e luz do mundo* (Mt 5:13-14). Nas palavras de Lutero, “a Igreja é regida pelo Espírito de Deus, e os santos conduzidos pelo Espírito de Deus (Rm 8:14), e Cristo permanece com sua Igreja

⁷² Uma alternativa a Erasmo e Lutero, difundido em círculos protestantes é a Graça Preveniente (ou habilitadora). Esta concepção teológica era defendida pelo inglês John Wesley (1703-1788). Para maior aprofundamento, sugere-se: COLLINS, Kenneth J. **Wesley on salvation: a study in the standard sermons**. Michigan: Francis Asbury Press, 1989, pg. 22-25.

⁷³ Muitas das conclusões aqui apontadas são extratos dos debates e reflexões nas aulas de Teologia Sistemática III (Hamartiologia), da Faculdade Luterana de Teologia/ FLT.

até a consumação do mundo”⁷⁴.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999;
- COLLINS, Kenneth J. **Wesley on salvation: a study in the standard sermons**. Michigan: Francis Asbury Press, 1989;
- GREINER, Albert. **Lutero: ensaio biográfico**. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983;
- HAGGLUND, Bengt. **História da teologia**. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003;
- HARRISON, William P. **Sermões de Wesley**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1953;
- LOEWENICH, Walther Von. **A Teologia da Cruz de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1988;
- LUTERO, Martinho. **Da Vontade Cativa**, in: Martinho Lutero. Obras selecionadas. Vol.4: Debates e controvérsias II. Ed.p. Comissão Interluterana de Literatura. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia 1993;
- MARGARIDA, Daniel Marlo. **O alívio das consciências na certeza da salvação: uma pesquisa sobre a dimensão poimênica de “Da vontade cativa”**. Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. Vol, XIX, Nr.1. São Bento do Sul: União Cristã/ FLT 2011;
- NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. **ERASMO E LUTERO: Distintas concepções de livre-arbítrio**. 2006. 229 f. Dissertação (Pós-graduação em Filosofia - Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2006;
- POND, Clifford (preparação). **Nascido Escravo**. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 1992;
- RODRIGUES, Diego; NUNO, Fernando; RAGGIOTTI, Naiara (Org.). **Larousse ilustrado da língua portuguesa**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004;
- SCHWAMBACH, Claus. **Evangelização no horizonte da vontade cativa**. Desafios da antropologia da Reforma protestante. Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. Vol, XVI, Nr. 2. São Bento do Sul: União Cristã/ FLT 2008;
- WESLEY, John. **Free Grace**. Disponível em: < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-128-free-grace/> >. Acesso em 19 jul. 2016;
- WIESE, Werner. **Ética fundamental: critérios para crer e agir**. União Cristã: FLT; São Bento do Sul, 2008;
- WILHELM, Wachholz. **História e teologia da Reforma: Introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2010;
- WIKIPEDIA, Enciclopédia Livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Erasmus_de_Roter%C3%A3o>. Acesso em 10 Jun. 2012.

⁷⁴ LUTERO, 1993, p. 61.